

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA NA ATUALIDADE

Curso de Profissionalização em Serviço

Departamento de Educação e Ensino a Distância

Universidade Aberta - 2026

Maria Rosário Bastos
Tiago Felgueiras da Canhota

Índice

Introdução	2
Missão 1: As potencialidades da História.....	3
Missão 2: O que é a Educação Histórica?	5
Missão 3: Educação Histórica – da teoria à sala de aula	7
Missão 4: O aluno e o professor – novos papéis	11
Missão 5: A aula-oficina	13
Referências:.....	15
Referências Complementares (não evidenciadas no texto):	16

Introdução

Nesta proposta de formação, pretendemos trazer ao debate vários **conceitos e ideias-chave da Educação Histórica**, juntamente com metodologias derivadas de conclusões de diversos estudos realizados *no terreno* – isto é, em salas de aula com alunos e professores portugueses. Organizamos este guia em várias “**missões**”, cada uma focando um tema específico, e incluímos as referências bibliográficas originais, para facilitar o acesso a conhecimentos mais aprofundados sobre os temas em discussão.

De seguida, iniciamos com a **Missão 1**, onde exploramos as potencialidades da disciplina de História e o valor da sua aprendizagem para os alunos.

Missão 1: As potencialidades da História

A melhor forma de motivar um aluno a gostar de História é mostrar-lhe a **importância desta disciplina** e o valor que a sua aprendizagem tem. Contudo, nem sempre é fácil transmitir essa mensagem. Vivemos centrados no presente e fazemos planos para o futuro, então **para que serve conhecer o passado?** Esta questão surge frequentemente quando os alunos não compreendem a utilidade prática da História nas suas vidas.

Se encararmos a História apenas como uma disciplina cujo objetivo é a memorização de factos e conceitos – listando eventos da humanidade ao longo dos séculos – a sua importância será de facto bastante limitada na vida (e nos projetos de vida) dos jovens. É preciso, portanto, **apresentar aos alunos outra perspetiva: a História como ciência que explica, contextualiza e orienta**. Devemos demonstrar que muito do que somos hoje se explica pelo que os nossos antepassados nos legaram; que as sociedades humanas são resultado de processos históricos ao longo do tempo. Esse conhecimento do passado fornece orientação para o presente, pois satisfaz a necessidade humana de explicação, e orienta também o futuro, facilitando decisões informadas. Em suma, a História dá **sentido ao presente** e guia a nossa compreensão do mundo em mudança.

“A História, como ciência, é uma modalidade específica de conhecimento que emerge das carências que os seres humanos sentem em ‘orientar-se em função das mudanças que experimentam no seu mundo e em si mesmos’.”
(Rüsen, 2001)

Afinal, **vale a pena estudar História?** Vale! Como afirmou o historiador Rui Ramos, muito do que qualquer sociedade é num dado momento foi determinado pelo trajeto que a conduziu até aí – ou seja, *o passado explica o presente*.

“Vale a pena estudar História? Vale! Porque muito do que qualquer sociedade é num certo momento está determinado pelo trajeto que seguiu até chegar a esse ponto. Quer dizer: o passado explica.”
(Rui Ramos, entrevista à revista Visão, agosto de 2011)

Estudar História ajuda-nos também a compreender a transformação da sociedade ao longo do tempo:

“A História ajuda-nos a compreender a mudança e o processo através do qual a nossa sociedade se transformou no que é hoje.”
(Stearns, 1998)

No contexto educativo, podemos enumerar diversas **potencialidades do ensino de História** para a formação dos jovens, tais como:

- 1) **Capacidade de interpretar, selecionar e organizar informação:** o contacto com fontes e narrativas históricas desenvolve no aluno a habilidade de filtrar e estruturar dados de forma coerente;
- 2) **Desenvolvimento de abordagens reflexivas face ao conhecimento:** o aluno aprende a não se contentar com explicações únicas, passando a procurar razões e intenções por trás dos acontecimentos e a formular hipóteses de explicação fundamentadas;
- 3) **Reconhecimento e valorização de argumentos bem fundamentados:** pela comparação de diferentes explicações do passado, o aluno distingue versões historicamente mais válidas daquelas menos sustentadas em evidências;
- 4) **Necessidade de contextualização dos factos:** ao estudar História, treina-se discernir as **intenções** e os **condicionamentos** por detrás dos eventos, em vez de analisá-los de forma isolada;
- 5) **Compreensão do que muda e do que permanece:** o aluno observa tanto situações de crise como de progresso ao longo do tempo, evitando atitudes fatalistas perante as adversidades ao reconhecer os ciclos de continuidade e mudança;
- 6) **Atitude crítica perante o conhecimento histórico:** compreendendo que o conhecimento histórico é *revisível e provisório*, desenvolve-se nos jovens a abertura para questionar verdades estabelecidas, sabendo que na História não há explicações absolutas e finais;

7) **Orientação temporal e espacial:** a História exercita a capacidade de situar acontecimentos no tempo (linha cronológica) e no espaço geográfico, projetando factos e situações em diferentes épocas e locais – é um exercício complexo, mas extremamente desafiador e enriquecedor!

Numa sociedade que exige **aprendizagem ao longo da vida**, as competências desenvolvidas nas aulas de História são fundamentais. Elas ajudam-nos a lidar com informação de forma crítica, a **pesquisar** e a **formular novas questões e hipóteses**, habilidades hoje valorizadas nas mais diversas atividades profissionais. Contudo, para desenvolver todas estas capacidades nos alunos, é necessário refletir sobre outra questão essencial: **que História ensinar?** A resposta não está em *que conteúdos* selecionar, mas sim **na forma de abordar o ensino da História** – ou seja, recorrendo aos princípios da **Educação Histórica**.

A relevância da História no currículo torna-se clara quando percebemos as competências que ela desenvolve. Conforme salientado por Howson (2009), a História potencia o desenvolvimento de capacidades importantes no mundo atual, tais como a reflexão sobre o conhecimento (analisando informação e respeitando evidências), a habilidade de reconhecer argumentos bem fundamentados, o repúdio da mera polémica vazia e a constante procura de contextualização – tentando compreender a intenção por detrás de cada discurso ou ato (Howson, 2009).

Missão 2: O que é a Educação Histórica?

Algumas abordagens educacionais e modelos de ensino da História foram criticados por **não desenvolverem nos alunos um sentido de análise crítica** que lhes permita, no dia a dia, fundamentar escolhas, levantar hipóteses e tomar decisões conscientes. Na educação atual há uma preocupação crescente em fazer da escola um espaço de preparação dos jovens para a vida em sociedade. Por isso, diferentes caminhos têm sido propostos de acordo com valores que, em cada sociedade, podem

convergir ou divergir dos princípios defendidos por vários modelos historiográficos. É neste contexto que, em Portugal, o ensino da História tem vindo a integrar contribuições de uma área de investigação que alarga o âmbito da disciplina: a **Educação Histórica**.

A Educação Histórica surgiu enquanto movimento pedagógico e de investigação no final da década de 1970, em Inglaterra, e afirmou-se progressivamente nas décadas seguintes, expandindo-se a vários países. Em Portugal, os estudos pioneiros de Isabel Barca no ano 2000 introduziram esta abordagem inovadora no nosso contexto educativo. Diferentemente de um modelo cognitivo geral como o de Piaget (que propunha etapas de desenvolvimento comuns a todas as áreas de saber), os investigadores da Educação Histórica procuraram compreender **como crianças e jovens constroem o conhecimento histórico específico** (Barca, 2000). Sob uma orientação construtivista, a investigação em Educação Histórica foca-se na análise das **ideias** dos alunos e dos seus **processos de aprendizagem** em História.

Os resultados de diversos estudos mostram que os alunos constroem as suas visões sobre o passado a partir de fontes muito variadas – os meios de comunicação social, o ambiente familiar, conversas entre pares, entre outras. Muitas vezes, **essas ideias prévias dos alunos diferem ou até contradizem** aquilo que é ensinado na escola. Torna-se, assim, importante desenvolver nos alunos competências que lhes permitam **construir explicações históricas fundamentadas**, mesmo quando confrontados com dados divergentes ou contraditórios. O objetivo é que aprendam a reunir evidências e a **validar as explicações mais sólidas**, em vez de aceitar todas as opiniões ou relatos como igualmente válidos.

Nesta linha, vários investigadores das últimas décadas têm enfatizado o uso de **múltiplas versões em História**. Defende-se que a existência de diferentes interpretações do passado não retira a “cientificidade” da História. O historiador Peter Lee (2002), por exemplo, afirma que *existem diferentes tipos de passado conforme os diferentes modos de ler o presente*. Ou seja, a narrativa histórica depende muitas vezes do ponto de vista e das perguntas que fazemos no presente, mas nem por isso deixa

de poder ser objetiva. Assim, também os estudantes podem trabalhar com explicações plurais, analisando a validade de cada uma através do **cruzamento de informações** fornecidas pelas fontes. Esta ideia é crucial para evitar um relativismo exagerado e infundado, em que os alunos considerem todas as opiniões sobre o passado como igualmente aceitáveis. Pelo contrário, devem aprender a **pesar a força explicativa** de cada narrativa histórica, avaliando a sua plausibilidade e consistência com as evidências disponíveis.

A investigação em Educação Histórica tem revelado que os nossos jovens **são capazes de pensar historicamente** e que, quando o fazem, mobilizam várias dimensões do pensamento – compreensão, interpretação, análise crítica, contextualização e comunicação, entre outras. Estes estudos tornam visível o enorme potencial formativo da disciplina de História e reforçam a sua valorização no currículo: os conhecimentos, capacidades e aptidões desenvolvidos através da História contribuem claramente para muitas das metas educativas do ensino básico.

Em suma, a Educação Histórica preocupa-se em desenvolver metodologias que permitam ao aluno **formular pontos de vista bem fundamentados**, adotando sempre uma perspetiva crítica. Isso implica considerar o *espaço*, o *tempo* e o *contexto* de cada acontecimento, compreender as intenções dos intervenientes, fazer inferências e interpretar evidências, reconhecer a multicausalidade dos fenómenos, etc. Em outras palavras, esta abordagem estimula o aluno de História a responder não apenas às perguntas clássicas *Quem?*, *Quando?* e *O quê?*, mas também a investigar **Como?** e **Porquê?**.

Missão 3: Educação Histórica – da teoria à sala de aula

Uma característica notável da investigação em Educação Histórica é que muitos dos seus investigadores **são professores em exercício**. Ou seja, as questões de investigação surgem diretamente da vivência na sala de aula; os participantes dos estudos são alunos e/ou professores; a recolha de dados é feita no contexto real de

ensino-aprendizagem; e, finalmente, as conclusões traduzem-se em propostas de metodologias aplicáveis na prática letiva. Desta forma, a ponte entre teoria e prática é intrínseca à Educação Histórica – a teoria informa a prática na aula, e a experiência da aula realimenta continuamente a teoria.

Para que os jovens desenvolvam uma **literacia histórica** sólida, há vários aspetos a ter em conta quando trabalhamos em aula. Em particular, podemos identificar alguns **vetores fundamentais do pensamento histórico** que o ensino deve promover, bem como certos **reguladores de ação** que orientam esse ensino:

- a) **Orientação temporal:** noções-chave de cronologia e a compreensão dos conceitos de mudança e permanência ao longo do tempo;
- b) **Orientação espacial:** uso de mapas e outras representações cartográficas para compreender a utilização dos espaços geográficos e as transformações dos territórios ao longo do tempo;
- c) **Interpretação de fontes:** capacidade de fazer inferências históricas a partir de fontes diversificadas em mensagem, estatuto e linguagem, aprendendo a extrair evidências e a ler nas entrelinhas;
- d) **Compreensão contextualizada:** construção de quadros mentais do passado que sejam historicamente válidos e coerentes, aplicando os conceitos essenciais do programa. Implica reconhecer a diversidade e a interação cultural ao longo do tempo, desenvolvendo também a consciência da utilidade genuína da História para compreender o mundo atual de forma abrangente;
- e) **Comunicação em História:** uso de formas variadas de comunicação – escrita, oral, apoio das TIC, bem como expressões artísticas – para **comunicar e partilhar conhecimentos históricos** de maneira clara e fundamentada.

Além destes vetores, o professor deve ter em conta alguns **princípios orientadores (reguladores de ação)** ao planear o ensino da História, nomeadamente:

seguir o programa curricular e desenvolver as **competências essenciais** ali definidas; adotar uma **perspetiva construtivista da aprendizagem**, partindo do conhecimento prévio do aluno; e articular os conteúdos específicos (factos, nomes, datas) com as **ideias estruturantes da disciplina** – isto é, os conceitos de **segunda ordem** da História.

Neste âmbito, vale destacar que **os alunos compreendem a História através de três tipos de ideias** fundamentais:

- i) Ideias prévias:** são as ideias espontâneas que as crianças e jovens já têm, no seu quotidiano, sobre acontecimentos, personagens ou situações históricas. Nenhum aluno chega à aula de História como “*tábua rasa*”; todos trazem consigo experiências prévias e conhecimentos informais (provenientes da família, da TV, da internet, etc.). Por isso, **levantar as ideias prévias dos alunos sobre o tema a estudar é o primeiro passo** numa boa exploração do conteúdo. Ao conhecer essas ideias de antemão, o professor poderá identificar quais estão **historicamente corretas (devendo ser reforçadas)** e quais revelam conceitos incorretos ou confusos (precisando de ser trabalhados e clarificados). Importa frisar que este levantamento inicial não serve para rotular as ideias dos alunos como certas ou erradas, mas sim para **orientar a planificação**: sabendo de onde parte o pensamento dos alunos, o professor pode direcionar melhor as atividades. Essa sondagem pode ser feita de forma simples – por exemplo, perguntando oralmente o que já sabem sobre o tema, mostrando uma imagem, um mapa ou uma cronologia relevante, ou propondo um conjunto de conceitos para eles definirem livremente.
- ii) Ideias substantivas:** são as ideias relativas aos conteúdos específicos da História, isto é, **os conceitos próprios do saber histórico** (por exemplo: *Paleolítico, nomadismo, cidade-estado, escravatura, democracia, reino*, etc.). A compreensão correta destes conceitos substantivos e a sua aplicação no contexto adequado são fundamentais para que o aluno desenvolva literacia histórica. Em outras palavras, não basta decorar definições; é preciso saber usar esses conceitos para explicar situações históricas concretas.

iii) **Ideias de segunda ordem:** são ideias que **estruturam o pensamento histórico** e organizam o conhecimento na disciplina. Incluem conceitos como *explicação*, *causalidade* (*causa/consequência*), *mudança e permanência*, *tempo* (*periodização*), *significância histórica*, *empatia histórica*, entre outros. Estas ideias de segunda ordem funcionam como “ferramentas mentais” que permitem ao aluno entender a lógica interna da História e relacionar os factos entre si. Por exemplo, a compreensão plena do conceito de *revolução* só é possível se o aluno dominar a ideia de *mudança* – uma revolução implica uma mudança profunda em certo período. Assim, as ideias de segunda ordem dão sentido e profundidade às ideias substantivas, ajudando os alunos a *pensar historicamente* de forma madura.

Desenvolver o pensamento histórico dos alunos requer um trabalho amplo que abranja **cinco dimensões centrais** (muitas delas já mencionadas acima):

- A) **Orientação temporal:** aquisição de noções-chave de cronologia e periodização, aprendendo a situar eventos no tempo e a compreender os conceitos de mudança e permanência através dos períodos históricos.
- B) **Orientação espacial:** utilização de representações cartográficas e outras ferramentas geográficas para entender a dimensão espacial dos processos históricos, desenvolvendo a consciência de como os espaços se reorganizam e transformam ao longo do tempo.
- C) **Interpretação de fontes:** leitura, análise e comparação de fontes históricas de diferentes tipos e proveniências, extraíndo delas informações e evidências. Implica aprender a **fazer inferências** com base em fontes variadas, entendendo o contexto em que foram produzidas, o seu propósito, fiabilidade e ponto de vista.
- D) **Compreensão contextualizada:** construção de uma compreensão contextual para os acontecimentos, ou seja, inserir pessoas e eventos no *seu* tempo e *no*

seu lugar adequados. O aluno aprende a **construir narrativas coerentes e fundamentadas** sobre o passado, aplicando os conceitos essenciais do currículo. Também passa a reconhecer a diversidade de experiências e a interação entre diferentes grupos ou culturas, desenvolvendo uma consciência histórica mais rica e abrangente. Esta dimensão reforça a ideia de que compreender História é também entender melhor o mundo atual, pois permite ver de onde vieram as instituições, ideias e problemas de hoje.

E) Comunicação em História: desenvolvimento da capacidade de comunicar conhecimento histórico de formas variadas. Isso inclui escrever textos históricos (como relatos, explicações, narrativas), participar de discussões orais sobre temas históricos, usar recursos tecnológicos (TIC) para apresentar informações e até utilizar expressões artísticas (dramatizações, exposições, etc.) para partilhar e consolidar o que se aprendeu. Comunicar em História é fundamental porque o conhecimento histórico ganha vida quando é articulado e compartilhado, seja numa redação, numa apresentação ou num projeto criativo.

Trabalhar os temas de História a partir destes pressupostos leva a que os **papéis do aluno e do professor sejam repensados**, assim como a própria metodologia de aula. Ou seja, muda-se do paradigma tradicional para um modelo mais dinâmico, que será explorado em seguida.

Missão 4: O aluno e o professor – novos papéis

De acordo com a perspectiva da Educação Histórica, os alunos passaram a ser encarados como **agentes ativos da sua própria aprendizagem**. Importa esclarecer que não se trata aqui do antigo modelo de “pedagogia da descoberta” dos anos 70 (em que se deixava o aluno aprender sozinho), mas sim de uma visão *construtivista*: o aluno constrói ativamente o conhecimento, **ancorando as informações novas nas suas ideias prévias** – ideias essas que podem ser reforçadas ou modificadas durante o processo

de aprendizagem. À medida que aprende História, o aluno vai formulando **novas concepções e novos conhecimentos** sobre o passado, em vez de apenas absorver passivamente o que o professor diz.

Por sua vez, o **professor assume um papel de investigador** em sala de aula. Ser professor-investigador significa questionar-se constantemente e procurar compreender **como os alunos aprendem**, ajustando em função disso as metodologias e até as escolhas de conteúdos. O professor torna-se investigador também porque trabalha com documentos históricos em aula e, a partir da interação entre alunos e fontes, **geram-se novos conhecimentos no contexto da sua turma** – cada aula torna-se quase um “laboratório” onde se constroem explicações e se descobrem sentidos para os factos históricos.

Para atingir as metas propostas, o professor deve orientar as suas metodologias no sentido de:

- I) **Explorar as ideias prévias dos alunos** acerca do conteúdo substantivo a estudar e sobre a própria natureza do saber histórico. Deve partir do mundo conceptual que os alunos já possuem, ajudando-os a reformular ou aprofundar essas ideias iniciais em História;
- II) **Formular questões desafiadoras**, de modo que a História sirva de meio para orientar os jovens sobre os problemas da experiência humana. Em vez de apresentar respostas prontas sobre um “passado morto” sem significado para os alunos, o professor lança perguntas que os levem a pensar e a relacionar o passado com questões maiores da vida;
- III) **Propor tarefas de interpretação cruzada de fontes históricas**, apresentando fontes com pontos de vista diferenciados. Assim, os alunos aprendem a fazer várias leituras de um mesmo acontecimento – a ler o que está dito e também o que não está explícito em cada fonte. Esta competência de múltiplos níveis de leitura é essencial não apenas em História, mas também para a literacia em geral;

- IV) **Implementar tarefas diversificadas em aula**, incluindo momentos de trabalho individual e de trabalho em pequenos grupos (por exemplo, em pares). Essas atividades devem ser cuidadosamente planejadas quanto às questões a resolver e às fontes a utilizar, favorecendo diferentes dinâmicas de aprendizagem;
- V) **Analisar a evolução conceitual** que ocorre nas aulas, através de instrumentos simples. Por exemplo, podem usar-se fichas breves em momentos *pré* e *pós*-unidade didática, funcionando como um “*termómetro*” para medir o pensamento histórico dos alunos ao longo do tempo;
- VI) **Envolver os alunos na reflexão sobre as próprias aprendizagens**, recorrendo a exercícios de **metacognição**. Ao pensar sobre o que e como aprenderam, os alunos desenvolvem autoconfiança e um sentido de autonomia responsável, tornando-se mais conscientes do seu processo de aprendizagem em História. (Barca, 2007)

Estes novos papéis do aluno e do professor dão origem a uma forma renovada de conduzir as aulas – a chamada **aula-oficina**.

Missão 5: A aula-oficina

A designação *aula-oficina* provém do facto de a aula se tornar um **espaço de construção do conhecimento**, ultrapassando o modelo tradicional de aula-expositiva ou “*aula-conferência*”. Na aula-oficina, o professor – seguindo os pressupostos mencionados anteriormente – transforma-se num orientador-investigador: ele conhece o seu “grupo de amostra” (os alunos), ausculta as suas ideias prévias, disponibiliza conhecimento sempre que necessário e organiza atividades que levem os alunos a problematizar esse conhecimento. Em paralelo, o aluno assume um papel ativo, investigando, discutindo e produzindo em sala de aula. A aula-oficina pode desenvolver-se segundo diferentes modelos, mas todos eles enquadram os papéis do

aluno e do professor conforme descrito nas missões anteriores (aluno agente e professor facilitador/investigador).

Para planear efetivamente uma aula de História dentro deste espírito, pode seguir-se um guião básico. **Projetar uma aula em História (segundo Barca, 2004):**

- **Visão geral do tema da aula:** definição breve do assunto central da aula, situando-o no contexto mais amplo (por exemplo, “Revolução Francesa: causas e implicações”);
- **Principais conceitos a trabalhar e questões orientadoras:** identificação dos conceitos históricos chave a abordar (por exemplo, *revolução*, *iluminismo*, *cidadania*) e formulação de perguntas norteadoras que despertem o pensamento crítico dos alunos sobre o tema;
- **Experiências de aprendizagem:** este ponto detalha as etapas e atividades da aula, incluindo:
- **Levantamento de ideias dos alunos:** início da aula explorando o que os alunos já sabem ou pensam sobre o tema (conforme mencionado, pode ser através de perguntas abertas, análise de uma imagem, etc.);
- **Exposição oral pelo professor:** um momento de explicação mais direta ou narrativa, em que o professor esclarece conceitos, fornece o enquadramento factual necessário e conta a “história” do tema em estudo, sem se alongar demasiado;
- **Desenvolvimento – tarefas:** atividades práticas de investigação ou análise para os alunos realizarem (por exemplo, interpretar documentos ou fontes, responder a questões em grupo, debater diferentes perspetivas, fazer um esquema cronológico, etc.);
- **Síntese:** encerramento da aula com uma recapitulação das ideias principais. Pode ser feita pelo professor ou pelos próprios alunos (por exemplo, pedindo

que resumam o que aprenderam), consolidando assim os conhecimentos construídos na aula;

- **Gestão do tempo:** distribuição aproximada do tempo por cada etapa e atividade planejada, garantindo que haja equilíbrio entre exposição, atividade prática e discussão/síntese, dentro do período da aula;
- **Avaliação:** formas de avaliar se os objetivos da aula foram alcançados. Nesta aula-oficina, a avaliação pode ser formativa e processual – por exemplo, através da observação da participação dos alunos, da análise das tarefas realizadas em aula, ou de uma pequena reflexão final – focando menos em nota e mais em feedback para o aluno e para o professor sobre o que foi compreendido.

Este modelo de aula-oficina procura tornar a aula de História mais dinâmica, centrada na **construção ativa de conhecimento** pelos alunos. Assim, o ensino de História revela-se não apenas importante, mas também envolvente e significativo, contribuindo para formar jovens mais críticos, informados e conscientes do mundo que os rodeia.

Referências:

- Howson, J. (2009). Potential and pitfalls in teaching “big pictures” of the past. *Teaching History*, 136, 24–33. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43260758>
- Lee, P. J. (2002). Caminhando de costas para o futuro: Consciência histórica e a compreensão da História. In Barca (Org.), *Educação histórica: Investigação e práticas*. Braga: Universidade do Minho.
- Ramos, R. (2011, agosto). *Vale a pena estudar História? Vale!* Revista Visão.
- Rüsen, J. (2001). *Teoria da história: Razão histórica*. Brasília: Editora da universidade de Brasília. Disponível em:

<https://docs.google.com/file/d/0B46vjiRI8hGuQk9ablpDcHphcjA/edit?resourcekey=0-9NNsJVZJDM2RZG7fY-m6dw>

Stearns, P. N. (1998). *Why study history?* Washington: American Historical Association.

Referências Complementares (não evidenciadas no texto):

Amaral, C.; Alves, E.; Jesus, E.; & Pinto, M. H. (2012). *Sim, a História é importante! – História 7.º ano: O trabalho de fontes na perspetiva da Educação Histórica [Guia didático-pedagógico]*. Porto: Porto Editora.

Barca, I. & Alves, L. A. M. (Coord.) (2016). *Educação Histórica: actas do XV Congresso de Educação Histórica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15198.pdf>

Barca, I., & Gago, M. (Orgs.). (2006). *Questões de epistemologia e investigação em ensino da História: Actas das III Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Centro de Investigação em Educação – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Disponível em : <https://lapeduh.com/wp-content/uploads/2018/04/questc3b5es-de-epistemologia-e-investigac3a7c3a3o-em-ensino-da-histc3b3ria.pdf>

Bloch, M. (1997). *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/bloch-m-apologia-da-histc3b3ria.pdf>



Attribution-NonCommercial
CC BY-NC